WORLD OF WARCRAFT
WARLORDS of DRAENOR™

BLIZZARD ENTERTAINMENT

Código de Conduta

por Ryan Quinn

A mensageira orquisa com o rosto cheio de cicatrizes subia em direção aos portões dos Malho Imponentes, alçando-se com dificuldade pelos degraus que lhe chegavam ao peito.

Os ogros do Malho Imponente paravam para observá-la. Brutos imundos a espiavam das trevas que ladeavam o caminho até o topo. Gorianos ricos olhavam de suas habitações rústicas ornamentadas com troféus de inimigos mortos.

Outro observador, em uma torre, acompanhava a aproximação da mensageira. Suas duas mentes se encheram de desgosto. Aquela *orquisa* pisava na montanha que inúmeras famílias ôgricas tinham moldado ao longo de muitas vidas, cortando e batendo as pedras até que se transformassem em cidades, palácios, fortalezas... um lar.

Mas ela tinha obtido permissão de subir de elevador até o segundo nível do Malho Imponente com um mero baixar de lanças. Era um costume tratar visitantes solitários com curiosidade. Dava sempre para matá-los depois.

Quando o elevador parou, a mensageira viu um punhado de escravos orcs desmazelados operando o maquinário. Um a um, eles foram se afastando, lançando olhares para ela por sobre os ombros.

A mensageira olhou para o alto da montanha. Sobressaindo apenas um pouco do pico do Malho Imponente, dava para ver uma vasta sacada — o Trono do Imperador — na qual reinava o rei feiticeiro dos ogros. Mas era uma longa subida de onde estava, respirando forte no campo aberto em meio aos barracos fedorentos dos escravos. Ela franziu o nariz.

Um grupo de ogros enormes, vestidos com elegância, veio pisando forte até ela, andando com rapidez surpreendente O maior deles (apressando-se para ser o primeiro a entrar em cena) chegou em alguns segundos, parando abruptamente como uma carroça pesada descendo a ladeira. Ele fedia a sebo e gordura animal misturada com perfume, embora suas vestes estivessem imaculadas (tinham sido lavadas mais recentemente que o corpo.) A enorme barriga do ogro se dependurava para fora das roupas, e ele a ergueu com a mão para dar uma coçadinha por baixo, sem parar de olhar a mensageira nos olhos.

A voz dele era sedosa. — Eu sou o Alto Conselheiro Vareg. Falo em nome do rei. Você tem até eu terminar de comer para entregar sua mensagem. Só assim você vai embora daqui com os ossinhos intactos.

Ao dizer isso, ele puxou um pedaço de elekk de cheiro pungente e deu uma mordida colossal, espirrando gordura para todo lado. Metade da peça sumiu, carne e osso tudo junto, e ele imediatamente abriu a boca para a última mordida, o que ajudava a apressar qualquer um.

A mensageira olhou para cada ogro e disse: — Eu trago uma mensagem de Grommash Grito Infernal, chefe guerreiro da Horda de Ferro, para *todos* os ogros de

Nagrand. — Fez uma pausa. — Se vocês quiserem viver mais um dia em Draenor, terão que fazer por merecer suas vidas.

Todos os ogros riram. Quando terminaram de rir, pedrinhas estavam rolando para fora do elevador.

— É? — ciciou Vareg, tentando tirar fiapos de carne dos dentes com a unha, sem olhar para ela. — Fale mais. Como seria isso?

A mensageira arrastou as palavras, irritada. — Rastejem diante da Horda de Ferro com olhos baixos. Esvaziem seus cofres nas nossas mãos. Rolem no chão e implorem. Não importa. Mas provem o seu valor, ou vocês serão *extintos*. — A última palavra veio num rosnado.

Vareg se inclinou para diante e seu corpo se curvou como se ele fosse desabar sobre a mensageira. — Pequenina, nós temos mais de cem famílias órquicas acorrentadas aqui. — Ele fez um gesto com o pedaço de carne para um escravo que empurrava uma carroça de lavagem. — Grito Infernal pode não dar valor à sua vida, mas será que ele será tão irresponsável assim com a vida destes aqui?

A mensageira encarou o ogro diretamente. — Eles já estão mortos.

Ela se virou para partir.

A expressão que ela usara era peculiar: "Provem o seu valor", não "se entreguem" ou "se rendam". Os orcs da Horda de Ferro eram confiantes o bastante para serem abusados, mas não tinham feito nenhuma exigência precisa de tributos ou territórios. O ultimato

estava em aberto, e a decisão sobre como agir recaía sobre os que tinham recebido o recado.

O rei feiticeiro já havia feito exigências parecidas.

O imperador Mar'gok, rei feiticeiro bicéfalo do Malho Imponente, cujos ancestrais tinham domado avalanches e ventos para construir os primeiros fortes, colunatas e reservatórios na Nagrand selvagem, não saiu da sacada.

O imperador estava observando o desenrolar do dia lá do alto. Sua visão chegava até as ruas distantes do Malho Imponente por meio de uma lente de quartzo. Seus quatro olhos normalmente já lhe mostravam bastante, e as horas que gastara espiando pela lente já começavam a deixar uma de suas cabeças tonta. (Havia mais para ver? Era melhor parar?) Era estranho sentir conflito em suas mentes, quando ele sempre sentira seus cérebros trabalhando juntos, como duas pernas.

Mar'gok apertou os olhos tentando imaginar como um dos seus súditos — um ogro de um cérebro, uma cabeça e dois olhos — veria o esplendor da cidade. Será que ele concentraria toda sua atenção e pensamentos em um único ponto de cada vez? Seria impossível governar daquela maneira. Tudo iria parecer borrado.

Mar'gok viu seus conselheiros rotundos, que retornavam, parando entre os jardins (provavelmente para discutir). Depois ficou observando a mensageira se afastar, um pequeno ponto castanho no horizonte.

***

O ataque não demorou. (Mensagens daquele tipo eram enviadas no final das preparações, não no começo.)

Uivos ecoavam pelas ruas de Mar'gok de todos os lados, como se Draenor inteira estivesse cercada por lobos. Além das muralhas a oeste, colunas de fumaça e chamas se elevavam ao céu em direção ao glorioso Malho Imponente. Se atacassem as muralhas externas, as torres cairiam, entupindo os caminhos que desciam a montanha. As tropas do Malho Imponente nos níveis superiores não poderiam ajudar o contingente lá embaixo, pois os elevadores eram muito lentos. As tropas que tentassem avançar entre os destroços iriam perder o equilíbrio no terreno acidentado e seriam massacradas aos montes. Seus corpos serviriam apenas para atrapalhar o avanço dos companheiros vivos.

Ou a Horda de Ferro saltaria por cima do caminho de esculturas a leste, montada em seus lobos ágeis cujas presas pingariam sangue dos estômagos dilacerados dos ogros. A linha oriental de defesa do Malho Imponente era composta quase exclusivamente de brutos, que costumavam reagir a ataques jogando fora as lanças para tentar esmagar mandíbulas com as mãos antes de morrer. (Eles tinham sido açoitados recentemente?)

E se os orcs atravessassem as linhas de defesa e chegassem às cabanas dos escravos? Será que iriam dar armas aos escravos, incitar uma revolta?

Os riscos eram muitos. O imperador Mar'gok ponderou cada um deles enquanto o crepitar das flechas ficava mais alto na sacada. Ele decidiu, e deu a ordem.

Ele ordenou que todos os escravos ficassem escondidos nas cabanas. Quem desse trabalho deveria ser morto imediatamente. Os cadáveres seriam trancados junto com os vivos.

O nível mais baixo do Malho Imponente, onde viviam os gorianos, menores, mais pobres e sem experiência de combate, ia receber a primeira onda do ataque. Mar'gok enviou várias sentinelas para lá, guerreiros experientes, para deter a subida do inimigo. As sentinelas carregavam o estandarte púrpura e dourado do imperador, e seus gritos fizeram tremer as encostas das montanhas.

Na vanguarda, rompe-feitiços gorianos de pele rubra avançavam incólumes entre a magia brilhante do inimigo, amassando corpos órquicos com pancadas dos grandes porretes e pisoteando gargantas. Mas a Horda de Ferro continuava a invadir.

Cavaleiros esparsos do Brado Guerreiro lutavam lado a lado com outros orcs: orcs pintados com o rosto decorado com espirais de sangue; esquadrões de infantaria sem uma nesga de carne exposta sob as placas fuliginosas das armaduras de aço; fanáticos mutilados que juraram lealdade ao gladiador Karrath e carregavam uma lâmina no lugar da mão. A única característica que os unia era uma insígnia, um rabisco vermelho pontudo que adornava seus estandartes e escudos.

E *armas*. Todo o engenho da Horda de Ferro tinha sido empregado em novos meios de matar. (Como tinham inventado tanta coisa tão rápido? Era como se o progresso de gerações inteiras houvesse caído de repente no colo deles.)

Grupos de orcs que manejavam as catapultas arremessavam bolas de fogo pelo céu, incendiando a carne dos ogros e derretendo as muralhas.

Nas mãos dos orcs, lâminas de duas pontas giravam feito rodas; carroças de aço, avançando trôpegas sobre pernas de artrópode, carregavam os soldados sobre os fossos que outrora tornaram a cidade de Mar'gok inexpugnável. A Hora de Ferro cercava os defensores do Malho Imponente até nas trilhas estreitas que os ogros ocupavam, lado a lado.

Cinco orcs operavam um aríete de metal encimado por um punho que lançava fogo, avançando pela trilha dos animais em direção à cidade. Os ogros tombavam diante do aríete como bonecos de palha, até que a máquina parou ao colidir com um bruto que carregava um martelo, causando uma torrente de faíscas. O bruto desabou com metade do peito perfurado e cauterizado.

Os orcs não fizeram prisioneiros. Mesmo lá no alto, no topo do Terraço do Imperador, no pináculo do Malho Imponente, a fumaça e o cheiro acre de morte chegaram às narinas de Mar'gok. Sua barriga roncou, ansiosa.

***

Enquanto a Horda de Ferro devorava a cidade de baixo para cima, o rei feiticeiro do Malho Imponente se postava bem acima da carnificina, cercado pelos pilares de xisto trabalhado do seu primeiro grande projeto, os salões de Gorthenon.

O conselho de Mar'gok tomava todo do amplo andar. Eram ogros grandes e antigos, agachados feito tigres descansando ou posando feito deuses no topo das pedras enormes

que eles tinham carregado por vários níveis. A uma distância respeitosa do conselho, fileiras de conselheiros militares e campeões de armadura surrada esperavam parados, exibindo as marcas do combate. Alguns tinham a estranha coloração vermelha, azul ou cinzenta e as tatuagens arcaicas que os identificavam como rompe-feitiços, guerreiros sujeitos a rituais e treinamento que os tornavam imunes às escolas mágicas. O rei feiticeiro havia decretado que um em cada vinte gorianos deveria passar por esse treinamento. O exíguo sucesso dos rompe-feitiços na tarefa de deter a Horda de Ferro era evidente por sua postura: pareciam prestes a abandonar a discussão para aleijar os inimigos do Malho Sangrento a qualquer instante.

Não havia lugares para sentar. Vários conselheiros andavam de um lado para o outro nas cercanias do imperador. O maior dos ogros estava entre eles, uma criatura gigantesca dominada por músculos e gordura, lustrosos e pesados. Um longo chifre saía de sua cabeça direita; uma cinta roxa emaranhava-se aos seus pés. Sob os capuzes, as mandíbulas de Mar'gok rilhavam: ele estava pensando. As palmas das suas mãos calosas se abriram na direção da assembleia.

De todos ali, apenas o alto conselheiro Vareg parecia mais ansioso que ele.

— Nossos primalistas vão despedaçar a encosta norte — cuspiu. — O pico norte vai cair e deslizar, esmagando todos esses vermes de uma vez. — Seu rosto gorduroso brilhava.

Escutando Vareg, alguns membros do conselho pareciam prontos para beber seu sangue, mas a maioria, especialmente os rompe-feitiços, bateu os pés em anuência. Aquele salão misturava decisões de governo e violência. Os que discordavam por muito tempo

acabavam se agredindo para provar seus pontos de vista. Encontrar um meio-termo ali era crucial.

Mar'gok grunhiu e suas vozes ecoaram na câmara. — Não.

Parecia que o impaciente e faminto Vareg (de origem humilde), sempre pensando em subir, subir, subir, tinha sido mandado para morrer no coliseu.

Encarando Vareg com uma cabeça enquanto a outra vistoriava a multidão reunida no conselho, Mar'gok deixou que os murmúrios cessassem. — Os orcs e suas armas são numerosos demais. Eles não serão destruídos em um só golpe, e você vai arriscar destruir os alicerces da cidade. Não. Nossas legiões na vanguarda vão recuar até a Trilha da Vitória e forçar o inimigo a subir. Se eles precisarem de cordas para subir nossos degraus, será fácil retardá-los.

O Malho Imponente tinha esmagado todas as tentativas do inimigo de se estabelecer nas cercanias. A Horda de Ferro estaria cansada da longa marcha. Um cerco à cidade levaria dias. (A Horda de Ferro iria precisar de suprimentos consideráveis.)

Vareg era poderoso, um lorde-mago com muitas vitórias e uma habilidade incomum para a sobrevivência e a desobediência. — Se você deixá-los entrar na cidade, eles terão a iniciativa. Mesmo se interrompermos o fornecimento de suprimentos ou cortarmos as cordas, nossos guerreiros não terão muita chance de fugir.

— Fugir? — surpreendeu-se Mar'gok. — Então você acha que o Malho Imponente vai cair?

Silêncio.

Mar'gok rolava uma pedra nas mãos. A pedra fora lixada pelos calos nas suas palmas. — Você acha que impedir mortes no nosso exército é mais importante que impedir a morte do Malho Imponente? — Ninguém tinha dito aquilo, mas ninguém ergueu a voz para negar.

O tom de voz de Vareg subiu. — Imperador, você está longe do campo de batalha. Você não consegue ver nossos soldados nem os inimigos. Se você não vai deixar que derrubemos a montanha, então nos permita enfrentá-los com força total. Se recuarmos, nossas perdas serão altas demais. Você vai se arrepender de cada uma depois que tivermos vencido.

As palavras de Vareg ecoaram no salão e a maioria dos conselheiros se afastou dele para se postar ao lado do imperador, em silêncio, mas resoluta. Vendo isso, Vareg ficou ainda mais irado. — Os orcs são tão pequenos que nem vão conseguir remover nossos mortos! — grunhiu ele.

Os rostos de Mar'gok permaneceram impassíveis. — Talvez a situação seja mais simples do que eu pensei. Una-se a mim e use seu vasto conhecimento sobre a Horda de Ferro para nos trazer a vitória.

— Unir-me... a você, imperador? Você lutará?

— Não. Enquanto nossas tropas recuam e atraem os orcs, nós iremos até o chefe guerreiro da Horda de Ferro e o faremos concordar com a paz. Ao enviar sua mensageira, Grommash Grito Infernal nos promete passagem segura.

Alguns centuriões e mais um rompe-feitiços seriam a guarda do imperador, pois ele não ousava pegar mais soldados das linhas de frente. Girando as cabeças na direção dos rompe-feitiços, Margok atroou: — O mais forte entre vocês me acompanha.

Mar'gok ficou decepcionado ao ver um rompe-feitiços marcado de azul, coberto de runas rabiscadas, ser empurrado para a frente pelos companheiros. Pelo jeito, o rompe-feitiços partilhava da insatisfação do imperador.

— Imperador — disse ele, gravemente —, eu esmaguei quatro crânios de xamã esta noite. Não sei trocar palavras suaves. Deixe-me ficar aqui e lutar pela glória do Malho Imponente!

— Qual o seu nome, rompe-feitiços? — perguntou Mar'gok, devagar e gentil como se falasse com uma refeição.

— Ko'ragh, imperador.

— Ko'ragh — continuou Mar'gok. — Você não pode ficar. Sua morte vale menos para o Malho Imponente que a sua vida. Além disso — Mar'gok repelira qualquer objeção, e o rompe-feitiços fechou a boca —, a hora e o modo como você vai morrer são escolha do seu imperador somente. Entendeu? — Com isso, Ko'ragh saudou o imperador, batendo com o punho gordo no peito.

Vareg — que não deixava ninguém ser o centro das atenções por muito tempo — ergueu a voz rapidamente. — E como vou servir, imperador?

Mar'gok se permitiu mostrar sorrisos. — Você vai puxar minha carroça.

O alto conselheiro ficou de boca aberta. Alguns ali reunidos deram risadinhas nervosas que lembravam o som de rochas raspando.

O imperador há muito encorajara seu conselho a demonstrar discordância não violenta sempre que quisesse: bastava cuspir aos seus pés. Nenhum dos seus conselheiros vivos jamais expressara discordância dessa maneira porca, mas a permissão existia. Ele era magnânimo.

Mar'gok olhou com atenção para os próprios pés e depois para o grupo ali reunido. Uma bola de fogo passou por uma janela, espalhando pedregulhos incandescentes pelo salão. Ele franziu o cenho do rosto esquerdo, depois do direito.

O imperador olhou para os pés novamente. Nenhum cuspe.

***

Mar'gok examinou seu séquito com ambas as cabeças, sem expressão nos rostos, como se examinasse itens de um banquete ou uma mancheia de pedras de apostas.

O alto conselheiro Vareg, puxando uma carroça de oito rodas coberta de tecido com o dobro do seu tamanho, já se beneficiara imensamente com o dolorido aprendizado. Seu rosto pendia para o chão, mas ele não reclamou mais, mesmo quando suas vestes amarelas começaram a se manchar com a lama da estrada. Por enquanto, Ko'ragh o ajudava.

Ao contrário de Vareg, o rompe-feitiços estava vestido para a guerra, usando uma armadura de metal improvisada e um tenebroso tacape com um crânio na ponta. Sua cabeça e seus braços tatuados e musculosos estavam expostos, como os de todos os ogros

no séquito de Mar'gok. Uma exibição de poder como essa entre os ogros do Malho Imponente não seria negligenciada, mesmo com a ameaça de extinção.

Incapaz de aceitar sua participação numa missão diplomática enquanto o Malho Imponente estava sendo sitiado, Ko'ragh fez cara feia até Vareg, sem aviso, ordenar que desfizesse a tromba. O dolorido aprendizado de Vareg também era bom para os outros.

Vareg podia ser ambicioso, e Ko'ragh, teimoso e tolo, mas os dois eram ogros em altas posições que tinham um desempenho excepcional nos treinamentos de batalha, levantavam-se cedo e haviam sobrevivido a ferimentos atrozes (Ko'ragh: estripação; Vareg: um corte na coxa que ele deixara apodrecer para provar sua força), com dezenas de abates em seu histórico.

O imperador completara seu séquito com centuriões de fora do conselho, ouvindo com atenção suas proezas (se não seus nomes). Um passara anos dormindo dentro de um domo de lava até adquirir o controle do magma incandescente; outro era um favorito do coliseu que arrancara as garras de dez grandes predadores e as costurara nas luvas de briga; outro tinha um vínculo tão forte com a montanha que nenhuma flecha perfurava sua pele. Todos conseguiam carregar uma pedra de duas toneladas até o topo da cidade sem parar para descansar.

Os centuriões nunca tinham visto o imperador pessoalmente antes. Viajar com o rei soltara as suas línguas. Mar'gok os liderava mais à frente, tentando ignorar a distração que a conversa deles causava. Irritadas, suas cabeças ocasionalmente trocavam olhares até ele ficar tonto. (Silenciá-los? Deixe que fiquem olhando.)

O chão desfazia-se em lama onde ele pisava, permitindo que seu séquito descesse pelas encostas escarpadas sem cair; a rampa improvisada então voltava a ser pedra atrás dos seus passos. Apressaram o passo e a carroça abriu sulcos profundos na lama. Vareg disse que agora os orcs usariam uma estrada pela primeira vez, e até o imperador se permitiu um pequeno sorriso de uma das cabeças.

Com passadas largas, os ogros chegaram ao seu destino ao nascer do sol. O imperador quedava-se quieto, mas o palavrório do seu séquito não cessou durante toda a viagem. Seu povo tinha nascido bem no começo da história: quando espremeram a luz da enorme bola de fogo que se tornaria Draenor, os grandes Forjadores fizeram os ogros do mesmo barro incandescente e lhes concederam o domínio sobre pedra e terra. O mundo era dos ogros; a capital deles situava-se no topo, acima dos andaimes do passado.

Ninguém entre eles tinha dúvidas de que os defensores do Malho Imponente haviam lutado a noite toda e seu império ainda resistia... até que viram Grommashar.

***

Da última vez que Mar'gok vira o acampamento Brado Guerreiro, o lugar era apenas um ajuntamento esquálido, nômade. Uma favela de ripas de madeira e couro mal-ajambrada sobre a terra. Ele imaginara os rostos deprimidos dos orcs quando o vento e a chuva derrubassem suas casas, a reação de espanto estúpido ao se perguntarem como aquilo podia ter acontecido.

Agora o lugar queria ser uma cidadela. Uma paliçada firme cercava o acampamento, orcs armados de muitos clãs patrulhavam muralhas com mata-cães escavadas nos rebordos

e, por toda parte, o terrível clangor das máquinas, arrotando mais fumaça e fogo do que tinham soprado sobre as muralhas do Malho Imponente.

Os ogros entraram pesadamente em Grommashar sob uma bandeira improvisada de trégua. Mar'gok rasgou um de seus estandartes púrpura e dourado até o meio, mas os orcs não fizeram alarme quando eles entraram, como se os ogros fossem esperados. Só a gigantesca carroça coberta atraía olhares.

— O que é isso?— perguntou um orc agressivo, de armadura, que liderava um grupo de vinte. O metal polido de vinte canhões portáteis apontados para os ogros rebrilhou ao sol.

Vareg tirou uma meleca seca da narina e se espichou. As palmas das suas mãos estavam pretas e rubras, estropiadas depois de um dia de trabalho duro puxando a carroça. Ko'ragh sopesou ansiosamente o porrete que levava. Os ogros estavam em menor número. Não conheciam o terreno e o inimigo estava disposto.

(Ironia? Franqueza? Astúcia?) — É apenas tributo — murmurou Vareg, antes que Mar'gok pudesse dizer qualquer coisa.

Foi o bastante. Alguns guardas foram farejar a carroça. Ergueram o tecido, inspecionaram o que havia por baixo. (O que poderiam ver?) As enormes armas dos ogros foram arremessadas no Mar Zíngaro, embora as pontas de várias lanças aparecessem na água apesar dos esforços dos soldados de Grommashar para submergi-las. Os orcs irritavam de tão pequenos que eram, com minúsculas veias visíveis nos braços, gotículas de

suor porejando dos rostos, tudo neles esticado e comprimido, perto da superfície como se seus corpos não tivessem espaço suficiente.

O imperador ordenou que seu séquito permanecesse parado, sofrendo as indignidades da diplomacia; seus olhares expressavam deferência enquanto eram conduzidos a Grommash Grito Infernal.

Seu lar podia ter mudado, mas não Grommash. O flagelo de Nagrand não mudara nada em relação à última vez que Mar'gok o vira, liderando um grupo guerreiro, um orc musculoso de cabeleira espessa que descaía sobre os ombros, exibindo um sorriso bestial em que as presas rebrilhavam sobre os lábios repuxados.

O que surpreendeu Mar'gok foi o trono no qual Grommash se recostava, uma árvore retorcida que parecia desconfortável e que provavelmente apodreceria antes da próxima geração de chefes do Brado Guerreiro. Ele reconheceu a árvore e pensou nas dificuldades que o orc devia ter enfrentado para recuperá-la.

Grommash passara muito tempo amarrado à árvore durante o reinado do último rei feiticeiro. Depois de um ataque fracassado contra o Malho Imponente, Grommash fora capturado, espancado e deixado para morrer de inanição. (E aí...)

Uma cabeça de ogro manchada de castanho, com o pescoço apodrecendo, olhava dos ramos da árvore com órbitas vazias. Mesmo com a pouca carne que ainda aderia ao crânio, Mar'gok estava certo de que ele o conhecia. Tinha passado muito tempo esperando a morte do antecessor para não imaginar como ficaria sua cabeça separada do corpo.

— Imperador — disse Grommash em seu tom claro e grave. — O que você pensava a respeito do último senhor ogro que se opôs a mim? — Ele nada tinha de teatral, nem sequer deu um passo de onde estava (embora sua pose imponente dominasse a cena). Seus olhos expressavam concentração e intento.

Sentindo o incômodo do silêncio que se seguiu, os ogros olharam para seu rei.

— Eu acho que ele foi tolo — ribombou Mar'gok.

Vareg relaxou as mãos, que se descruzaram e abaixaram.

— Ele foi tolo de não matar você.

Um orc perto do trono chiou, e Vareg e Ko'ragh ficaram tensos. Suas mãos sem querer esboçaram o gesto de pegar as armas ausentes.

— Se eu tivesse sua vida nas mãos — continuou Mar'gok —, eu teria cortado sua garganta na frente dos meus prisioneiros e teria jogado seu corpo apodrecido no oceano. Depois, jogaria os prisioneiros. — Ele apontou para os orcs atrás dele. — Seu povo estava alquebrado. O Malho Imponente agora reinaria por toda Nagrand. — Reinaria por toda Nagrand *de novo*. Mar'gok sempre acabava cedendo ao gosto pelo teatral.

Grommash nem se mexeu, imperturbável mesmo ao ouvir falar do seu assassinato. Aquele era seu momento de domínio.

De detrás do trono, vários outros orcs apareceram (duas dezenas só dos que se podiam ver). Um, de ombros largos, com o rosto cheio de tatuagens escondido sob o capuz

marrom, se inclinou para sussurrar algo no ouvido de Grito Infernal. (Quando ele algum dia aceitara aconselhamento?)

— Entendo — respondeu Grommash, sem entonação. — Então fale sobre o valor do Malho Imponente. Fale desse "tributo" que você trouxe. Fale do que valem as suas vidas.

O imperador se deu conta de que a posição do sol o obrigava a apertar os olhos e inclinar as cabeças. Resistiu ao impulso de arrancar uma árvore próxima e proteger a vista com ela. (Grommash descansa todos os dias numa lembrança do seu ultraje. Qualquer barganha deve ser simples e vantajosa pra ele.)

Mar'gok fungou. — Pois bem. O presente que lhe trago é conhecimento. A Horda de Ferro é *fraca*.

Então Grommash sorriu. — Você diz isso enquanto derrubamos as muralhas do seu lar. — Ele fez um gesto para um ponto atrás dos ogros. — Conte a eles o que você viu.

Uma orquisa foi para o lado de Grito Infernal, e Mar'gok reconheceu a mensageira de rosto marcado que avisara da guerra próxima contra seu povo. Uma pena; ele esperava que ela tivesse morrido no cerco.

O rosto dela era orgulhoso e resoluto. — Nós rompemos a defesa do Malho Imponente na entrada da cidade. A montanha está cercada. Eles recuaram para seus lares.

Mar'gok suspeitara de que algo assim aconteceria, mas não tão rápido.

***

Era uma trapaça. Tinha que ser. Por um instante, enquanto seu séquito discutia e os orcs apreciavam a balbúrdia, Mar'gok fechou os olhos, tentando imaginar a cena: os ogros perdendo terreno, lutando nas ruas, rocha derretida dos monturos escorrendo aos pés dos gorianos em formação...

Ele não teve que se esforçar muito para imaginar os orcs cercando suas legiões, os dentes das armas zumbindo ao cortar as pernas dos ogros, fazendo-os despencar dos cotocos. Já vira acontecer muitas vezes.

Depois, os orcs derrubariam suas estátuas. Homens, mulheres e crianças iriam rugir e se reunir em protesto; eles contra-atacariam, sempre cantando: "Pelo Rei! Pelo Rei!" Quanto mais repetiam, menos aquilo parecia um grito de morte digno.

Certamente tinham repetido aquelas sílabas de forma tão ferrenha porque eram mais fáceis de gritar que "imperador", não porque não conseguiam pronunciar seu título ou seu nome.

Eles iriam resistir com certeza.

Mar'gok se cansou de imaginar e abriu os olhos. Expirando, voltou-se para Ko'ragh e Vareg, que cochichavam ali perto. A postura deles era defensiva. A julgar pelas suas expressões, eles também acreditavam na mensageira. Aquietaram-se quando Grommash falou.

— Agora me explique, imperador — disse ele, tão confiante como se tivesse espiado dentro das mentes de Mar'gok —, como é que a Horda de Ferro é fraca. (Finalmente).

— Não me entenda mal, chefe guerreiro. Vocês são muitos. Talvez seus orcs consigam abrir caminho lutando até o topo do Malho Imponente. — O imperador ensaiou alguns passos de um lado para o outro, fazendo gestos animados. — Mas isso vai custar muito, pois vocês não têm nossa maior força. Vocês enfrentam o exército de um rei feiticeiro. Nossas tradições são antigas como Draenor.

Ele levantou os braços para a multidão e cerrou os punhos gigantescos com força. — Nós vamos evocar avalanches, aterrorizar seus lobos com fogo, enferrujar seu metal com lama. As magias dos seus xamãs não podem nos tocar. Vamos rir do seu trovão falso e moer os seus crânios. — Ao ouvir isso, Grommash pareceu quase... intrigado. (Os orcs adoravam os elementos. Típico de seres pequeninos procurarem algo fora de si mesmos para adorar.)

— E — Mar'gok não resistiu e acrescentou: — vocês são pequenos. Mesmo se conquistassem o Malho Imponente, vocês perderiam um ano apenas removendo os cadáveres.

Mar'gok fez cessar a torrente de palavras incisivas e fechou as bocas, decidido. Os poderosos louvavam sua força física e estatura; os inteligentes louvavam suas mentes resolutas e sem limites; os carismáticos louvavam sua capacidade de liderança e persuasão. Mas a verdadeira força sempre foi poder ter *todas as forças* (por isso ele era rei), e Grommash se sentiria perturbado ao pensar em alguma força que ele não possuísse. Mar'gok conhecia bem o assunto e arriscou que aquilo bastaria para salvar o seu império e sua vida.

A resposta de Grito Infernal foi rápida. — Nós não queremos a sua cidade. Nós queremos seus cadáveres. — Ele se levantou e sua mão esquerda apertou o cabo de um

machado quase da sua altura, com a lâmina manchada de sangue fresco. — Todos da Horda de Ferro estão dispostos a morrer em batalha. Estamos vencendo. Sua ameaça é vazia.

Ko'ragh se irritou com aquilo, mas Mar'gok ergueu a mão para ele. O grunhido de Grommash tornou-se contemplativo.

— Uma coisa que você diz é verdade. A sua magia *é* poderosa. Ensine-nos, e alguns de vocês poderão viver.

***

Havia mais fluido numa catarrada de Vareg do que nas entranhas rasgadas de um orc.

O imperador tinha requisitado alguns minutos para ser aconselhado e se afastara do trono de Grommash. Agora ele encarava com todos os olhos. A cusparada borbulhava na areia a centímetros dos seus pés. Bolhas subiam até o topo e estouravam; parecia capaz de se mover por conta própria.

Esse tipo de desrespeito egrégio irrompera apenas recentemente, depois que Mar'gok mencionou como quem não quer nada que recusar a "oferta" de Grito Infernal era a alternativa mais sensata. Nenhum dos centuriões tinha visto a cusparada ainda. Ele empurrava pedrinhas por cima da meleca, sem sucesso.

Vareg estava perto, quase uivando enquanto andava rápido de um lado a outro. Parecia provável que sua agitação animalesca iria provocar os orcs e fazê-los usar as armas.

Ko'ragh tentava entender, confuso. — Imperador, você não fala sério. Você... está só ganhando tempo... para enganar Grommash e fazer com que...

— *Não!* — gritou Vareg. Sua voz suave agora era estridente. — Você jurou diante do conselho com as duas vozes. Você disse que traria a paz. Agora você se arrepende por causa do preço.

Mar'gok levantou a vista do cuspe. Indignação e interesse se misturavam na composição dos seus rostos.

Vareg não tinha parado de reclamar. — De que servirão nossas tradições se não houver mais Malho Imponente para continuá-las? A sua feitiçaria é mais importante para você que nossas vidas? — Preguiçoso. Era mais um convite que uma pergunta.

Mar'gok deu um único passo em direção a Vareg, batendo a perna com força no chão e levantando poeira. — Você fala de sobrevivência como um escravo que não vê nada além das correntes. Você tem coração de orc, feliz quando as coisas ruins terminam.

O rosto de Vareg estava quase roxo. Ele grunhiu, alto o bastante para todo o grupo ouvir. Os outros ogros foram para perto dos seus líderes.

Mar'gok continuou. — Gog Mata-gronns sabia que ser livre, viver, era só o começo. Quando ele despedaçava os corpos dos gronns, abria seus ossos e comia o tutano para provar que eles não eram deuses, erguia os esqueletos bem alto para que os outros pudessem ver sua vitória. Queria mais que a simples sobrevivência e, assim, fez seu salão muito maior que qualquer linhagem. Os ogros vieram e se reuniram e, logo, aquele lar se

transformou em um império. Ele não foi para as montanhas para se contentar em sobreviver.

Vareg não parecia ter perdido todo o bom senso, pois ficou quieto enquanto o imperador falava. (Com Vareg? Com os outros? Onde havia três mentes, era preciso sempre ter três discursos.) — O mundo pertence a nós. Sua vastidão foi domada, sua grandeza foi revelada apenas porque *nós* o dominamos, como os Forjadores antes de nós. Se você dividir nosso poder com escravos, se permitir que eles moldem a terra, você não é um ogro.

Em resposta, o alto conselheiro cuspiu outra bola de catarro em cima da primeira. O seu talento especial na hora mais importante.

Vareg tinha parado. Ele bufou. — O Malho Imponente não é mais um império. É apenas uma grande cidade. Será que todos no nosso clã concordam que vale a pena morrer por ela? — A voz de Vareg estava pesada de muco, mas mal escondia sua ansiedade. Seus olhos iam de um ogro a outro sem encarar os de Mar'gok, como se estivesse perto de denunciar o imperador, de rugir o desafio que sem dúvida ensaiara várias vezes antes de se tornar um condutor de carroça.

Ko'ragh falou, atraindo a atenção de Mar'gok e Vareg, que se encaravam: — Imperador, os orcs dizem que estão vencendo. Se você não vai atacar Grommash agora, então precisamos nos render a ele. — Seus olhos faiscaram.

Mar'gok cruzou os braços, imitando sem perceber uma de suas estátuas favoritas. — Então o legado do domínio ôgrico, da *minha família*, se torna um item de barganha barata. O que *vocês* vão sacrificar? Suas fortunas? Suas honras no coliseu? Suas vidas?

Vareg não hesitou, embora olhasse para os centuriões, e não para o imperador, quando respondeu. — *Eu* dou qualquer coisa para salvar nosso povo. Enquanto perdemos tempo, o clã morre.

É claro. Vareg apressou-se em expressar solidariedade, alinhando-se com "nosso povo" antes que Mar'gok o fizesse, tentando obter o apoio do resto do séquito. Será que ele conseguiria levá-los a cometer assassinato? Na história do Malho Imponente, um número impressionante de debates tinham se tornado revoltas espontâneas.

Mar'gok olhou rápido ao redor, com cuidado para não trair a emoção que sentia. Os olhos de Vareg estavam erráticos feito os de um lobo. Parecia prestes a sorrir ou uivar. Os outros tinham os punhos apertados contra o peito saudando — mas saudando quem? Eles eram cinco, ele era um só.

Ele concedeu a todos um aceno de cabeça duplo. — Muito bem. Eu vou vender nossa magia. Escravos não podem ter escravos. O que os orcs poderão fazer com o poder dos Forjadores que nós mesmos já não fizemos?

Com a expressão sombria mas resoluta, os ogros marcharam de volta até Grommash.

Mar'gok foi atrás, tentando conter os sorrisos. Vareg tinha se entregado. Mar'gok fora "convencido". Era o mais próximo de uma capitulação humilde que já chegara. Conclame as massas para uma posição tola e as massas vão se unir direitinho para lutar por ela.

Era bem deles — dos desvalidos, dos camponeses — acreditar que aquele que pairava acima de suas vidas era vaidoso e presunçoso, que escolheria a morte ao sacrifício, que preferiria liderar o povo rumo aos murmúrios da história a apregoar a escolha por uma saída baixa.

Também por isso Mar'gok era rei.

***

O sol há muito se pusera e a fuligem das tochas amarelas iluminando Grommashar se juntava à neblina que pairava pelas muralhas. Mar'gok respirou fundo. O fedor o deixava relaxado.

Ele falou baixo, uma das cabeças inclinada, a outra não. — Nós vamos ensinar você a romper feitiços, Grommash Grito Infernal.

Um sorriso, entusiasmado e genuíno, perpassou o rosto de Grommash. Era doce ver um inimigo derrotado concordando com seus termos ali na frente dele, de olhos abertos, consciente.

— Mande chamar seu exército e então envie dez dos seus orcs de mente mais forte conosco para o Malho Imponente. Eu vou instruí-los pessoalmente. Em um ano, talvez menos, eles estarão prontos.

Grommash ergueu a sobrancelha e fez uma careta. Quatro dedos fortes tamborilavam no cabo do machado, mas sua voz era comedida. — Não me provoque, imperador. Você vai ensinar isso a *todos* os orcs que puderem aprender, e você o fará aqui.

Mar'gok abriu os braços e sorriu com as duas bocas. Eram sorrisos de promessa abundante, geralmente reservados para parentes que ele ia assassinar. — Quando eu compartilhar minha magia com seu exército inteiro, vocês não terão mais necessidade do meu povo. O que você fará com ogros que não servem para mais nada?

Se o crânio de ogro que pendia do trono de Grommash ainda tivesse pálpebras, teria dado uma piscadinha.

Grommash sorriu de volta. — Os dentre vocês que forem dignos vão sobreviver. Confie no valor da sua magia, ogro. Vocês não têm opção.

Da retaguarda veio o barulho de pés marchando; segundos depois, alguns orcs se aproximaram sem ser anunciados com armas embainhadas na cintura. A mensageira vinha na frente, e todos os olhos — de ogro e orc — se voltaram para ela. Grommash ergueu a mão ordenando silêncio.

— Sim?

— Eles tentaram trazer reforços do mar, chefe guerreiro Grito Infernal. Quatro navios chegaram a Malho Imponente, mas nós os bombardeamos com os canhões. Nenhum chegou à praia — disse a mensageira, que se movia com empolgação. — Os restos do exército deles estão entocados nas torres. Em breve invadiremos a cidadela. — Ela parecia prestes a cantar.

Mar'gok olhou para a mão direita. Tinha os nós dos dedos protuberantes, era grande o bastante para derrubar um elekk, para esmagar as costelas de um orc. E também estava tremendo.

Ele quis parar, a princípio distraidamente, depois com toda a concentração de que dispunha, mas não conseguiu.

O chão tremeu. Gritos de medo ecoaram o clangor de das lâminas. Mar'gok viu com o canto do olho Ko'ragh investir na direção do trono de Grommash, derrubando dois orcs de costas e pisoteando-os. Seus braços grossos se esticavam com fúria. Uma lança fina assobiou no ar e se alojou tremendo em seu ombro. O sangue do rompe-feitiços jorrou na madeira do cabo, mas ele continuou, irrefreável como uma grande rocha rolando na lama.

E Mar'gok o envolveu com um braço, segurando sua garganta e derrubando Ko'ragh no chão com tamanha força que as árvores próximas perderam as folhas e os orcs caíram para trás.

O vento foi expulso dos pulmões do rompe-feitiços e Mar'gok plantou o pé em sua barriga, vendo o rosto do ogro se contorcer de dor. — Idiota! — gritou ele.

Grommash ergueu-se de um pulo. Dezenas de orcs miraram suas espadas e lanças em Mar'gok. Tirando o pé de cima do abdômen do rompe-feitiços, Mar'gok se ergueu com a respiração presa e o corpo tenso e encarou o chefe guerreiro. Mar'gok era maior. Grito Infernal era mais rápido. (Se Mar'gok conseguisse despertar a pedra adormecida antes que o machado do orc chegasse muito perto, só precisaria desviar do golpe girando o ombro...)

— Você *ousa* tentar me matar em meu próprio lar? — rugiu Grito Infernal, um rugido alto como nenhum outro som ali perto. Seus dedos se flexionaram. As duas mãos pegaram o machado. Com a respiração pesada de fúria, olhou para os outros orcs, que pareceram se enfurecer como se fossem um só corpo.

A diplomacia revelara-se um fracasso. Ele teria que correr até a carroça. (Será que a tiraram dali?)

Quatro orcs avançaram para Mar'gok com passos ferinos, estudados. Eles se separaram em dois grupos, erguendo as armas e cercando o ogro. Ele apertou a pedra lisa que encontrara antes. As duas mandíbulas travaram tão forte contra as línguas que chegou a sentir gosto de sangue.

— Esperem. — A voz de Grommash estava mais baixa, mais firme.

Mar'gok viu que um pouco daquela fúria fervente se evaporou dos orcs quando Grito Infernal falou. — Não foi o imperador que fez isso. — O chefe guerreiro olhou para onde Ko'ragh jazia. Algumas armas baixaram, mas só algumas.

Mas os olhos frios de Grommash permaneciam apertados. Ele arfava, não de cansaço, mas de ira, com a simples expectativa de violência. — Isso não muda minha exigência. Você vai concordar em nos ensinar agora, ou todos vocês vão morrer.

Quatro orcs taludos mantinham Ko'ragh no chão pisando em seus braços, as lanças a centímetros do seu peito. No chão, o rompe-feitiços grunhiu e mexeu a cabeça.

— Então vamos tratar dos termos. — Mar'gok colocou a pedra de volta entre suas vestes e mostrou as mãos. Os que dependiam de armas para matar costumavam se tranquilizar ao ver mãos vazias.

Grommash Grito Infernal não disse nada.

— Ergam-no. — Mar'gok fez um gesto cuidadoso e os centuriões arrastaram Ko'ragh, obrigando-o a se agachar e arrancando a lança de seu ombro com um puxão decidido que fez voar sangue.

Os orcs trocaram pequenos acenos de cabeça com seus líderes. As lâminas e lanças trêmulas apontadas para seu rosto se afastaram com relutância, mas o número de orcs armados que encaravam Mar'gok era intimidador. Suor começou a porejar do seu chifre e o imperador o enxugou, aproveitando o momento para reunir os pensamentos.

Grommash se acalmara rapidamente, mais rápido que sua raiva lendária faria supor, e sem saciar a sede de sangue. Será que ele usaria aquele ataque na negociação? Ou será que... Mar'gok pensou nas novas máquinas de guerra, que tinham aparecido do nada; no brilho no olhar de Grommash quando eles falaram de magia; no rompe-feitiços que deixaram vivo mesmo depois do ataque ao chefe guerreiro. (*Provem seu valor*, dissera a mensageira.)

— Nossa magia não é apenas parte da barganha. — Os lábios de Mar'gok se encresparam conspiratórios. — Você *precisa* dela. Por quê?

Grommash ficou quieto.

— Que poder você teme?

O chefe guerreiro não reagiu com as invectivas raivosas que Mar'gok previa. Em vez disso, ele se reclinou outra vez no trono.

***

— É verdade — disse Grommash lentamente. — Não temos como conhecer todos que um dia se oporão a nós.

Ele continuou, observando alguns orcs que acompanhavam a cena perto do seu trono. — Mas eu já vi muita coisa, e... é prudente nos prepararmos. Creio que, em breve, vamos enfrentar magia de um tipo jamais visto em Draenor. Nós não tombaremos diante dela. Se o seu clã nos ajudar com sua magia, se vocês se aliarem à Horda de Ferro, vocês conquistarão o direito de viver.

Mar'gok assentiu com as duas cabeças. — Eu aceito.

— Mas — e ali o aspecto animalesco voltou a faiscar nos olhos de Grommash —, se vocês não se comprometerem, se vocês não se dedicarem de corpo e alma, eu entregarei vocês a Karrath Carpunhal.

Carpunhal. O chefe do clã Mão Despedaçada tinha perambulado pelo coliseu como se fosse o dono. Então o Malho Imponente pusera Karrath acorrentando sob as muralhas da arena. Escravos famosos podiam ser perigosos.

Karrath removera uma das mãos (esquerda? direita?) para escapar, mas, mesmo assim, tinha conseguido rasgar os ventres dos seus captores na fuga. Com uma só mão, libertou até os outros gladiadores e os convenceu a tomar parte na sua retaliação enlouquecida. Pelo jeito, os orcs da Mão Despedaçada agora mutilavam a própria carne para lembrar a conquista de seu membro fundador.

Mar'gok se perguntou por quanto tempo eles tentariam mantê-lo vivo com apenas uma cabeça.

Grommash estava terminando. — *Vocês nos servirão*.

Bile começou a subir pelas gargantas de Mar'gok. Ele não olhou para seu séquito. — Entendo — disse ele, sem entonação. — Mas fique avisado desde agora, do começo dessa... parceria... que algumas formas de magia simplesmente não podem ser ensinadas, e não por falta de vontade. — A mensageira revirou os olhos. (Talvez ela caísse de um penhasco na marcha de volta para o Malho Imponente.)

— A magia de que eu falo molda corpos e mentes como um cinzel molda a pedra. Essa magia nos dá poder e remove lascas do nosso ser. Isso pode matar mesmo quem passa a vida inteira treinando. — Ele disparou um olhar na direção de Ko'ragh (ainda vivo).

Grommash descansou o queixo na mão. Ele não parecia impressionado. O imperador apressou-se em preencher o silêncio. — Você duvida da minha sinceridade, mas eu trouxe a prova. Vareg, a carroça.

Vareg demonstrou abertamente sua irritação, mas foi e trouxe a carroça. Sem dúvida ele achava que ela seria usada em algum ataque surpresa ao acampamento do Brado Guerreiro, e não oferecida na troca. Se havia uma chance de pegar Grommash desprevenido antes, essa chance se esvaíra.

Mar'gok arrancou a cobertura de tecido, e o cheiro tênue de solo revolvido alcançou suas narinas.

Um grande pedaço de rocha jazia no meio da carroça, sem balançar nem um pouco enquanto Mar'gok a empurrava. Os orcs não se impressionaram: era uma rocha grande, distorcida, sem forma definida. Várias das intrincadas espirais e volutas que decoravam a

pedra estavam reproduzidas na pele de Ko'ragh, mas, fora isso, a pedra parecia normal demais para um artefato arrancado das entranhas do mundo pelas famílias mais nobres do Malho Imponente depois de uma rusga de dez anos.

As pedras lisas escondidas nos bolsos de Mar'gok ficaram um pouco mais quentes; ele sentiu o calor irradiar feito picadas de agulha. As pedras se agitavam, como se tentassem fugir. Qualquer xamã entre os orcs iria notar.

— Ao despertar — disse o imperador, com um floreio —, esta grande pedra pode dissipar qualquer magia nas proximidades, até as dos seus xamãs. Mas ela é mais que isso: esta pedra é o meio pelo qual moldamos nossos rompe-feitiços mais capazes.

O orgulho adejou no rosto de Ko'ragh. Mar'gok continuou: — Eles são escolhidos por sua resiliência. São escaldados pelo calor, esmagados por rochas, ficam sem água, comida e ar. Até os mais fortes podem morrer no processo.

Grommash assentiu.

— Antes de mais nada, eles aprendem os sinais e padrões de uma escola de magia. Então são atingidos por infusões controladas desse tipo de magia, como pequenas suturas ou cortes, na presença da pedra. Por fim, um pouco da essência vital deles é consumida, sendo substituída pela magia que agora permeia suas vidas. Eles se tornam imunes.

— A apenas um tipo de magia? — grunhiu Grommash. Mar'gok experimentara a mesma decepção há muito tempo.

— Apenas uma escola — respondeu o imperador. — Nós já tentamos dar aos nossos rompe-feitiços mais fortes imunidade a mais escolas. Todos morreram. — Mortes horríveis. Um deles pegou fogo de dentro pra fora.

Mar'gok prosseguiu: — Os reis-feiticeiros coletaram artefatos assim por centenas de anos. Muitos afetam o funcionamento da magia nos seres vivos, mas outros são impossíveis de descrever. Existem mais em Nagrand, enterrados bem no fundo. Eu posso compartilhar o poder deles com você.

O chefe guerreiro estava caminhando em volta do artefato, analisando-o com interesse renovado. — E isso vai tornar os *orcs* imunes a qualquer magia? Não só os ogros?

Mar'gok se conteve para não expressar orgulho e presunção com os dois rostos. — No fim, sim. Seus guerreiros não são tão resistentes como os mais fortes do Malho Imponente. Vai levar tempo, até gerações, para que vocês aprendam a se adaptar, mesmo com *nossa* tutela. Mas é possível.

Um grunhido grave foi a única resposta de Grommash. Qualquer réplica que não envolvesse rosnados ou gritaria deveria ser interpretada como anuência.

Satisfeito, Mar'gok cruzou os dedos duros feito pedra. — Então nós concordamos. O clã do Malho Imponente vai — havia saliva em suas gargantas — servir a Horda de Ferro. — Ele não disse nada sobre exércitos, territórios, defesa mútua. *Que Grommash peça cada favor, quando precisar.*

O imperador olhou para a mensageira de rosto marcado. Agora ela era sua. — Avise seu povo que ele precisa sair de Malho Imponente e voltar para cá. — Ele nem notou que

estava respirando com mais facilidade. Estava feito. Tinha sido amargo, mas estava feito. O clã e a cidade sobreviveriam, e no tempo certo...

— Não — interrompeu Grommash. — O cerco termina quando você demonstrar o funcionamento do artefato. Não antes.

As cabeças de Mar'gok se viraram rapidamente.

— Se é para eu depender desse poder na batalha, então eu quero testemunhar seu uso em batalha — continuou Grommash. — Vocês não são veteranos da arena? É uma luta simples contra alguns dos meus campeões. Se o que você diz é verdade, não vai demorar.

(Carpunhal. Não havia dúvida.)

— Chefe guerreiro Grito Infernal, cada ogro morto em Malho Imponente é um ogro a menos para ensinar os seus guerreiros...

O olhar de Grommash fez o sangue de Mar'gok pulsar quente em seus ouvidos. As mãos do chefe guerreiro apertaram o cabo do machado como se fosse um pescoço e, na mesma hora, Mar'gok sentiu a profundidade do ódio do orc. — Você se recusa, imperador?

As mentes de Mar'gok escureceram. Lá dentro ele praguejou, agitado. Suor se acumulava nas palmas das mãos. Aquela era a paz da Horda de Ferro — não um acordo, mas uma jaula. (Ou teria Grommash brincado de negociação apenas para humilhá-lo?) Ele procurou seu séquito, tentando manter os movimentos lentos e comedidos. (Mas será que conseguiria?) Os orcs estavam por toda parte, parecendo ocupar todo o seu campo de visão.

— Não. Eu aceito.

Grommash Grito Infernal os levou até a arena.

***

Os ogros só se davam bem quando estavam planejando um assassinato. Enquanto remexiam na pilha de armas gigantes que os orcs tinham fornecido, selecionando alabardas e lanças com cuidado, o entusiasmo do grupo era comparável ao que sentiriam em um grande espetáculo no coliseu. Finalmente as discussões tinham terminado, só restando a simplicidade instintiva do derramamento de sangue. Matar. Vencer.

Usando o estandarte esfarrapado de Mar'gok, os centuriões tinham feito uma bandeira improvisada em cima da alabarda e agora testavam espadas órquicas como se fossem facas. Até Ko'ragh, com a ferida no ombro já rançosa sob as bandagens, estava de pé e sopesando dois porretes muito pequenos.

Eles nem sabiam o que iriam enfrentar. (Idiotas.)

Apenas Vareg parecia hesitar. (Mais confortável com a magia arcana que com armas de metal? Certamente.) Ele mexeu em um escudo, erguendo-o e depondo-o de volta no chão como se esperasse um presságio. Mar'gok os chamou com palavras ancestrais.

— Vocês estão preparados para dar a vida pela glória do Malho Imponente, do seu conselho e do seu imperador?

Todos os pés bateram; punhos se levantaram.

— Tenham sucesso hoje, e vocês nos garantirão mais mil anos na montanha. — Ele olhou para Ko'ragh. O rompe-feitiços olhou de volta.

Mais uma vez, Vareg se arrostou contra o destino. — Você não vai lutar junto conosco, imperador? — Teria parecido uma dúvida sincera se ele não estivesse tentando chamar a atenção de todos os centuriões enquanto falava.

— Eu vou lutar ao seu lado, mas minha arma será a pedra adormecida. Grito Infernal terá sua demonstração. — (*Eu darei qualquer coisa, Vareg.*)

Mar'gok se aprumou. — Nós não conhecemos a natureza dos nossos adversários. Vocês dois — disse ele, apontando para Vareg e Ko'ragh — são nossa defesa contra qualquer magia, e os outros vão buscar o abate. Não prolonguem a luta. Grito Infernal está interessado na pedra, não nas suas mortes.

Os ogros penduraram o estandarte do Malho Imponente na beirada da arena, um espaço raso bordejado de pedras, coberto com areia onde se viam manchas de sangue negro e roxo. Era evidente que a Horda de Ferro não tinha ninguém para limpar o local (ou não considerava que aquela luta valia o trabalho), apesar da presença de dezenas de orcs agachados ou em pé, gritando uns com os outros. Não havia assentos para o público.

Enquanto os orcs assistiam, Mar'gok lentamente levou o artefato até o canto mais afastado da arena, do lado oposto a Grommash. Vareg foi atrás, segurando a traseira da carroça.

— Imperador — sussurrou Vareg —, você precisa de ajuda com o artefato. Deixe-me ajudar.

— Não — disse Mar'gok, afastando-o com a mão.

— E se você se ferir na luta? Ou for morto? Ninguém mais evocou a pedra adormecida. — Seus olhos estavam arregalados, maníacos. Ele se aproximou do seu rei, para implorar ou estrangular...

Mar'gok deu um tapa nas mãos de Vareg. — Não. O seu lugar é na arena. Desça.

E, por um milagre, ele desceu. Se ambos estavam prestes a morrer, pelo menos Vareg morreria antes.

Não havia portões de entrada dos lados do fosso de luta. Um de cada vez, os ogros pularam lá embaixo, levantando nuvens de poeira, e então começaram a inspecionar as paredes, tomando posições, batendo com as armas no chão, usando o solo como tambor comunal, numa batida rápida cujo ritmo não variava. Mais areia subiu. Murmúrios de batalha guturais ecoaram de suas gargantas, harmonizando-se apenas ocasionalmente.

— Vocês estão prontos — disse Grommash, e a conversa parou imediatamente. Não era uma pergunta.

Mar'gok se agachou na frente do artefato. Sua temperatura cálida era reconfortante, embora ele já começasse a se sentir enfraquecido na sua presença.

— Tragam os prisioneiros! — berrou Grito Infernal.

Alguns vultos enlameados foram conduzidos em correntes até a borda sul da arena. Eram orcs do tamanho dos guerreiros ao lado de Grommash, mas suas vestes roxas carcomidas de traça e seus cabelos e barbas desmazelados os faziam parecer menores. Nenhum deles estava armado ou usava armadura.

Sua única característica incomum era a pele verde.

Grommash falou suavemente com um prisioneiro, cujas respostas eram inaudíveis. — Eu não lhe concederei liberdade, bruxo. — O chefe guerreiro ergueu a voz, para que as tropas de Mar'gok ouvissem. — Mas qualquer um de vocês que matar um ogro vai poder escolher uma recompensa: uma cela limpa ou uma morte rápida.

O que era um bruxo? Mar'gok jamais ouvira a palavra antes. Qual era o crime deles? O imperador sentiu uma fisgada de suspense na espinha. Pela aparência lamentável, os orcs provavelmente eram ladrões, mas Grommash permitiria que ladrões ficassem com as mãos intactas? Os ogros no fosso ficaram intrigados ao ver os pequenos inimigos, e Ko'ragh coçou a cabeça e deu uma risadinha enquanto os prisioneiros orcs eram libertados dos grilhões nos pulsos e tornozelos.

Ao se aproximarem, Mar'gok notou marcas protuberantes de chicote nos braços e ombros dos prisioneiros. (Alguns dos cortes ainda estavam abertos.)

Eles desceram lentamente até o fosso. Quando seus pés tocaram a areia, doze contra cinco, os espectadores começaram a espichar os pescoços para assistir. Mar'gok puxou ar nas duas gargantas. Certamente iriam usar magia, mas de que tipo? Eles não tinham nenhuma marca distinta, não davam nenhum indício.

— Comecem! — berrou Grito Infernal.

Antes que o chefe guerreiro abrisse a boca, Vareg plantou os pés com força no chão e deslizou a perna para trás, desenhando um semicírculo na areia. Os prisioneiros foram pegos de surpresa: gelo irrompeu da areia como uma onda, engolfando dois orcs

completamente, esmagando-os e arrastando para baixo os restos ensanguentados dos seus corpos.

As unhas de Mar'gok rasparam a base da palma de sua mão e ele pressionou o artefato. Os feitiços que tecia toda manhã para se proteger se esvaneceram; seu escudo arcano invisível se dissipou lentamente; suas roupas ficaram mais leves e soltas quando a resistência mágica ao fogo sumiu. Estava vulnerável, mas sentiu o poder da pedra despertar. Observou os olhos dos orcs e notou que estavam sem foco, esgazeados. (Então a magia deles não envolvia comunhão.)

Os outros ogros avançaram pela arena em um grupo coeso, portando várias armas menores, e seus pés gigantescos chutavam areia e gelo. Eles diminuíram a distância rapidamente enquanto os orcs, andando juntos como marionetes amarradas à mesma corda, começaram a invocar feitiços. Havia indícios de certas escolas de magia em seus gestos, mas nada definitivo. (Não eram tradições arcanas nem xamânicas. Ele já teria reconhecido essas magias.)

Palavras há muito mortas sibilaram entre seus lábios.

— Espalhem-se! — ribombou Mar'gok. Seu séquito obedeceu em coordenação tácita, espalhando-se em leque para reduzir a chance de serem atingidos em grupo.

(Se os orcs variassem sua magia e atingissem cada ogro com feitiços múltiplos, alguns dos companheiros de Mar'gok sobreviveriam, e isso seria suficiente.) Ele começou a esfregar as espirais insculpidas na base do artefato.

Os orcs mexiam os dedos rapidamente em movimentos arcanos. O imperador apertou os olhos, tentando adivinhar que magias eles iriam lançar, mas tudo lhe era estranho. Ele sorriu quando Ko'ragh arrebentou um porrete contra a garganta de um dos orcs — e o sorriso morreu quando a pele do rompe-feitiços foi arrancada do corpo como folhas na água quente.

Dez orcs lançaram o mesmo feitiço. Mar'gok nunca vira nada assim antes. Chamas amarelas esverdeadas que queimavam o próprio ar carambolavam pelo fosso, fazendo engasgar o ar calcinante na garganta de todos que assistiam. (Não.)

A magia atingiu os ogros com a força de um furacão, escaldando suas peles num instante horrendo. Os campeões do Malho Imponente foram reduzidos a montinhos ressequidos: corpos indistintos prostrados na areia, alguns fiapos de cabelo pegando fogo como único testemunho de que um dia tinham vivido. (Não. *Não.*)

Mar'gok bateu com as duas mãos no artefato. O artefato não reagiu.

***

O rei feiticeiro tinha perdido. Os rostos de Mar'gok descaíram, e parecia que estavam já contemplando a sepultura. Ele viu Vareg (talvez fosse ele) pegar fogo e derreter, e até a alegria rotineira pela destruição de um rival estava além das suas forças.

A luz amarela doentia das tochas e as chamas verdes fosforescentes chispando pelo ar se refletiam nos olhos borrados dos bruxos orcs. Eles se viraram na direção de Grito Infernal e, um por um, ensaiaram (por escárnio?) gestos de saudação.

E Mar'gok percebeu movimentos atrás de si. O fosso de luta do Brado Guerreiro tinha virado um lamaçal recendendo a enxofre. E Ko'ragh se levantou devagar, atordoado, o corpo calcinado, pele dependurada em tiras.

Por um segundo, o pé do imperador bateu, esperando uma chance de tentar o impossível. Estendeu o braço na direção do artefato. Já havia fracassado. Não havia problema em tentar a sorte com cadáveres do Malho Imponente.

A pedra cinzenta se incandesceu onde ele a tocou. Ele vira aquela magia por alguns segundos apenas, mas talvez fosse o suficiente para imitá-la. Rilhando os dentes, o rei feiticeiro inspirou ar como se estivesse apenas esgaravatando um mural em madeira estilhaçada.

Finas linhas de fogo verde começaram a se desenhar na pele de Ko'ragh, raspando seu corpo, ameaçando arrancar o que lhe restava de vida. A inscrição de Mar'gok passou por um trecho de carne azulada, marcada de runas, e o rompe-feitiços gritou de dor, caindo de volta na areia.

Com rapidez lupina, os prisioneiros orcs se viraram. Um apontou a mão de dedos longos e cruéis na direção do rompe-feitiços. Mar'gok sentiu o coração descompassar, mais forte dessa vez pela débil esperança de uma vantagem. As chamas efervescentes jorraram e envolveram Ko'ragh como um robe.

Mar'gok direcionou o fluxo da inscrição para o alto, para o ponto inicial. Ele não podia mais ver Ko'ragh e ficou parado com o dedo esticado no ar.

Então as chamas se evanesceram no ar.

Duas escolas de magia. O rompe-feitiços agora estava imune às duas. Era impossível, mas agora não era mais.

Gradualmente, enquanto Mar'gok prendia o ar calcinante nos pulmões, a sombra de Ko'ragh se esticou ao longo da parede do fosso, pairando sobre os orcs. Ele se ergueu a prumo e suas cicatrizes agora brilhavam em azul e verde debaixo das queimaduras enegrecidas. As inscrições rápidas do rei feiticeiro estavam visíveis em seu corpo, misturando-se às runas como algo escrito em cinzas.

Rilhando os dentes, com o olhar frenético, o rompe-feitiços avançou para cima dos orcs. Explosão após explosão de energia verde vibrante evaporava-se em sua pele.

As armas de Ko'ragh tinham sido destruídas, então ele se abateu sobre os inimigos de mãos vazias, esmagando-os com seu peso, quebrando seus corpos finos feito papel, esmigalhando-os numa massa rubra e escura com as mãos e os cotovelos, como estalactites.

Um dos prisioneiros orcs se afastou da avalanche que esmagava seus companheiros. Abandonando os feitiços, ele pegou uma arma do chão, girando-a para tentar impedir o avanço do ogro gigantesco. Afastando-se da grande mancha de sangue, Ko'ragh deixou que a ponta de aço atingisse seu ombro, mal rompendo a pele.

Ele agarrou o crânio do orc com uma mão só e apertou e torceu. As mãos do prisioneiro se agitaram em desespero, tentando se agarrar a algum ponto sensível que forçasse o ogro a largá-lo, mas ele era muito pequeno. Lenta e dolorosamente, os olhos do

orc começaram a sair de órbita. O rompe-feitiços presenteou o público com o barulho de algo rígido se partindo e, em seguida, sacudindo o braço, jogou o fardo inerte no chão.

Os orcs da Horda de Ferro rugiram em aprovação, e o rompe-feitiços ergueu o punho ensanguentado com os excessos da vitória na direção do imperador. Mar'gok cruzou os braços.

Grommash Grito Infernal parecia alegre e disposto enquanto gritava junto com os outros orcs. Ele gritava: — Logo os nossos guerreiros vão ignorar a magia dos bruxos! — E as exclamações ficaram mais altas. — Parabéns, imperador. Acho que vamos usar seu clã, sim. — Ele se voltou para a mensageira e falou alto o suficiente para que Mar'gok ouvisse: — Avise o exército. Parem com a chacina. O Malho Imponente é servo da Horda de Ferro.

Levou algum tempo até a celebração ruidosa cessar. Os membros do Malho Imponente eram servos agora. Eles obedeceriam ou morreriam. Mas Grommash chamara Mar'gok pelo seu título. Ele ainda era rei.

A voz de Grito Infernal, próxima, fez o imperador voltar a si. — Eu sei que você tem muitos escravos na sua cidade.

Porque era necessário, Mar'gok se inclinou e respondeu: — Sim.

— Você vai entregar esses orcs a Karrath Carpunhal. Agora eles são membros do clã da Mão Despedaçada. Se você falar contra mim, se ousar se rebelar — grunhiu Grommash ao passar —, vou mandar escravos do Malho Imponente para arrancar sua cabeça.

O imperador não respondeu.

Os orcs se dispersaram e Mar'gok viu Ko'ragh se aproximar com um sorriso cansado e satisfeito. Não era apenas o sorriso de alguém contente com o que havia realizado, mas de quem se sabia capaz de fazer muito mais.

— Imperador — saudou ele.

— Ko'ragh. — Mar'gok não ergueu as mãos para congratulá-lo. O rompe-feitiços não notou. Ele estava enlevado.

— Imperador, eu acho que consigo mais uma vez.

Mar'gok bufou. — O quê?

— Ficar imune a mais magia.

— Entendi. E quando é que você iria me contar desse seu... talento oculto, Ko'ragh?

Ko'ragh ficou confuso. — Mas eu não...

Mar'gok bateu nele. Forte, na cara, esmagando osso e derrubando-o no chão. Fúria súbita fervia no íntimo do imperador; perdigotos voavam de suas bocas enquanto ele espancava Ko'ragh na cabeça, peito e ombros, golpes caindo feito granizo.

Seu punho doía. O rompe-feitiços, de joelhos, ergueu as mãos para proteger o rosto, mas não revidou. Seus olhos demonstravam medo, depois tristeza e, por fim, quando ficou claro que Mar'gok não iria mais bater nele, ódio. Um dente ensanguentado pingou num fio de baba até o chão.

Mar'gok o ignorou. Cansado, ele puxou os capuzes e coçou o topo suado de suas calvas.

Viu a mensageira guardar víveres calmamente em uma capanga e lhe disse, ríspido: — Leve-o para seus curandeiros. — Ele indicou Ko'ragh com um gesto rápido.

A mensageira deu um sorrisinho. Não disse nada, não demonstrou ter sequer ouvido, e continuou a colocar cadarços nas botas.

— Agora! — rugiu Mar'gok.

Ela olhou para Mar'gok ligeiramente irritada, como se as vozes fossem altas demais. Depois de um instante, deu-lhe as costas e partiu.

Ele observou, furioso, enquanto ela se afastava sozinha.

***

A sacada de Mar'gok estava quieta. As pedras dormiam.

Ele acrescentara mais duas pedras ao seu trono desde que voltara de Grommashar. Com a servidão à Horda de Ferro vinha permissão para vagar por Nagrand sem ser incomodado, pelo menos pelos orcs. Certamente Grommash o mantinha sob vigilância, mas ele não lhe negaria algumas pedras enquanto seus exércitos estivessem sendo treinados.

Os orcs estavam aprendendo os princípios da imunidade à magia lentamente. Era provável que o processo levasse anos, e anos podiam virar muitas décadas. Mar'gok ordenaria que Ko'ragh ensinasse dois ogros para cada orc.

O lugar de Vareg no conselho ainda estava vago, e seria ocupado quando Mar'gok decidisse. Ele escolheria um substituto que não representaria perigo algum. Os dois ogrons enormes e sem pescoço — elos evolutivos entre os ogros e a lama — que montavam guarda fora dos seus aposentos eram burros demais para desobedecer. Era alentador.

Mar'gok iria esperar. Ele suportaria a Horda de Ferro. Grommash Grito Infernal só sabia avançar batalha adentro, matar. O chefe guerreiro nunca erradicaria as tradições do Malho Imponente enquanto elas fossem úteis. Ele era apenas o guerreiro que tinha as maiores armas. O que sabia de impérios? Nada.

A Horda de Ferro os chamava de servos. E o povo de Mar'gok serviria. Apaziguaria Grito Infernal, mentiria sobre sua força. Por enquanto.

Um rei podia muito bem se fingir de camponês... bastava esconder a coroa.